

DA RELIGIÃO DO SACRIFÍCIO À RELIGIÃO DA FRATERNIDADE

FROM THE RELIGION OF SACRIFICE TO THE RELIGION OF FRATERNITY

Luiz Carlos Susin*

Resumo

Há uma relação entre religião e violência que consiste basicamente em sacralização da violência através da sublimação da mesma como sacrifício. Ora, o sacrifício está no coração de toda religião, de forma descarada nas religiões arcaicas e de forma metamorfoseada e mascarada na evolução histórica da religião. A Escritura testemunha as ambiguidades do sacrifício e o choque profético entre o sacrifício e a misericórdia. O Cristianismo, em sua fonte, é a superação radical do sacrifício, mas, ao longo da história, novas metamorfoses do sacrifício surgem no Cristianismo. É a volta às fontes e a renovação de sua experiência na confraternização universal, testada pelos excluídos, que legitimam a originalidade do Cristianismo e um sentido realmente cristão para a palavra sacrifício.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Sacrifício. Cristianismo. Renovação.

Abstract

There is a relation between religion and violence that consists basically in making violence sacred through its sublimation as a sacrifice. Therefore, sacrifice is at the heart of all religion, in a blatant way in archaic religions and in a metamorphosed and masked way in the historical evolution of religion. The Scriptures witness the ambiguities of sacrifice and the prophetic shock between sacrifice and mercy. Christianity, in its origin, is the radical overcoming of sacrifice, but throughout

* Capuchinho, doutor em Teologia e licenciado em Filosofia. Atualmente integra o Programa de Pós-graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É membro do Comitê Editorial da Revista Internacional de Teologia *Concilium*, e Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. <lcusin@pucrs.br>.

history new ways sacrifice has metamorphosed appear in Christianity. It's the return to the sources and the renewal of this experience in universal fellowship, tested by those excluded, who legitimate the uniqueness of Christianity and a true Christian meaning to the word sacrifice.

KEYWORDS: *Religion. Sacrifice. Christianity. Renewal. Fellowship.*

É inegável a relação de religião com violência. Há uma opinião corrente, fundada em fatos repetidos ao longo da história humana, de que a religião produz violência, e da pior espécie: a violência sagrada, em nome de alguma divindade, inclusive, o “deus” bíblico e cristão. Nossa tese, aqui, é de que não é propriamente a religião que precisa de violência, mas é a violência que precisa de religião e se erige em religião. O poder de domínio sobre outros e de viver da vida de outros, que é sempre a essência da violência entre os vivos, quando se trata do ser humano, precisa se ungir de religião para se legitimar. Sobretudo em situações extremas, como a guerra, é necessária uma motivação, uma invocação, uma unção absolutamente sagrada para justificar a possibilidade de morrer ou de matar, de mandar morrer ou de mandar matar. Pois a morte é a maior violência a um ser que, embora mortal, “ser-para-a-morte” (Heidegger), é um “ser-contra-a-morte” (Lévinas), cuja vida é, em grande medida, lutar para não morrer. Somente se pode aceitar a morte própria ou de outro, sofrida ou infligida, quando algo maior, mais sagrado do que ela, possa integrá-la. Pode-se aceitar a violência da morte ou infligi-la a outros em favor de uma pátria ou de uma instituição se estas forem suficientemente sagradas a ponto de valer o sacrifício do que há de mais precioso, a vida. Ao invés de assassinato ou de violência, fala-se então de “sacrifício”.

A palavra “sacrifício” encerra o que há de mais refinado em termos de metamorfose da violência em ação sagrada. O sacrifício é o coração e o maior enigma da história das religiões. Há, nas religiões, protestos e revoluções “antissacrificiais”, mas há uma capacidade poderosa de retorno do sacrifício em novas metamorfoses. Haveria um lugar em que possamos nos abrigar desta face monstruosa da violência erigida em divindade ou, o que dá no mesmo, da divindade que diviniza de forma monstruosa a maior violência? Esse lugar existe, mas não está nunca inteiramente protegido do retorno da violência, porque até um muro forte de proteção seria erigido com violência ainda maior. Vamos

examinar aqui o casamento da violência com o sagrado no sacrifício, as possibilidades de libertação e os perigos e as tentações que sempre de novo assombram uma religião de paz sem necessidade de sacrifícios.

1 A função do sacrifício nas religiões arcaicas

A onipresença de sacrifícios e de vítimas expiatórias, sobretudo de sacrifícios humanos de diversos tipos, nas práticas religiosas arcaicas, é impressionante.¹ René Girard é um conhecedor profundo da complexidade desta questão, e pode nos orientar com segurança em meio ao enigma e ao labirinto das funções e dos significados desses sacrifícios. Eles podem ser considerados o coração das religiões arcaicas, mas estão inteiramente presentes nas formas seculares de sacralidade de nosso tempo, como, por exemplo, o mercado e a economia capitalista. Girard foi desvendando esse fundamento sacrificial da religião e da cultura humana progressivamente.²

Como crítico de literatura, Girard observou uma constante presença do “mimetismo” nas relações humanas, retratadas pelo romance e pelo teatro.³ O mimetismo, esta atitude imitatória provocada pelo “desejo de ser o outro”, busca depredar o outro de seu ser e absorvê-lo para preencher o próprio vazio de ser – e isso seria a fonte dos dramas heroicos e das tragédias. Mas tudo começa em sentimentos

¹ Cf. AA.VV. *Le sacrifice dans les religions*. Paris: Beauchesne, 1994.

² René Girard nasceu em Avignon, sul da França, em 1923. Graduou-se em filosofia e tornou-se crítico de literatura. Estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde lecionou literatura francesa e antropologia cultural. A partir da literatura, intuiu a teoria do desejo mimético e da resolução da sua violência no sacrifício. Sua teoria é bem desenvolvida no livro *La violence et le sacré*, Grasset, 1972 (Em português, *A violência e o sagrado*, São Paulo: Paz e Terra/Unesp, 1990). A sua interpretação dos textos bíblicos como superação do sacrifício começou com a obra *Le bouc émissaire*, Grasset, 1982 (Em português, *O bode expiatório*, São Paulo: Paulus). Outros textos importantes para o nosso assunto, de René Girard: *Des choses cachées depuis la fondatio du monde*. Paris: Grasset, 1978; *Quand ces choses commenceront*. Paris: arléa, 1994; *Je vois satan tomber comme l'éclair*. Paris: Grasset, 1999; *La voix méconnue du réel*. Une théorie des mythes archaïques et modernes. Paris: Grasset, 2002; *Le tragique et la pitié*. Discours de réception de René Girard à l'Académie française et réponse de Michel Serres. Paris: Lê Pommier, 2007.

³ Em sua primeira fase, René Girard se dedicou ao romance moderno, sobretudo a Shakespeare. Cf. GIRARD, René, *Mentira romântica e verdade romanesca*, São Paulo: Ed. É Realizações, 2009; *Shakespeare, Teatro da Inveja*. São Paulo: Ed. É Realizações, 2009.

inconfessáveis: a cobiça, a ambivalência de admiração e inveja, de amor e ódio, como também o sentimento de inferioridade, de culpa, nos porões psíquicos do material recalçado, que assombram com alguma memória trazida pela presença inquietante de outros. Uma antropologia do desejo mimético, muito próxima da psicanálise lacaniana, onde a falta provoca o desejo e lança em direção ao outro e seu desejo, mas de forma tão dramática, numa confusão e fusão dos desejos e numa assimilação tal que nenhuma instância humana consegue controlar, sobretudo tratando-se de grupos humanos e não somente de indivíduos. O drama do desejo mimético caminha irreversivelmente para a tragédia quando as relações de imitação, em que o outro se torna ao mesmo tempo modelo e rival em torno de um objeto, se exacerba de tal forma que acaba se esquecendo do objeto e se dirige inteiramente ao outro, o modelo-rival. Desaparecido o objeto original, nada mais impede a assimilação violenta do outro. Quando isso acontece de forma coletiva, há necessariamente a criação de vítimas expiatórias da violência coletiva, sacralizadas, para que devolvam a ordem perdida.

Girard estendeu sua pesquisa para os relatos da antropologia cultural, buscando em mitos e rituais de povos ancestrais alguma confirmação, o que, de fato, aconteceu. O que entre os modernos é mascarado, nesses mitos e rituais antigos é inteiramente escancarado: as vítimas expiatórias sacrificadas são a resolução final da violência do mimetismo desencadeado em um grupo humano. A violência do mimetismo dos desejos provoca uma contaminação e uma degradação de todo o tecido social se não for corretamente impedido e eliminado. A virulência contaminadora obriga a medidas drásticas. O resultado será, como na criação de um abscesso ou furúnculo no organismo humano, o cuidado de concentração de toda a impureza que contamina o organismo em um ponto, às vezes, aleatório mas preferencialmente frágil do organismo, para que este seja sacrificado e por aí seja expulsa a causa da contaminação. O momento de “crueldade necessária”, de ruptura e de expulsão traz o benefício da purificação, da catarse e da integridade recuperada do organismo inteiro. É uma metáfora médica do sacrifício expiatório.⁴

Cidades da Grécia arcaica retornavam periodicamente ao sacrifício do *phármakon*, o que indica exatamente esta unidade entre sacrifício

⁴ Cf. BURKERT, W. *Creation of the Sacred. Tracks of biology in early religions*. Londres: Harvard, 1996.

e medicina. O “rei momo” (rei macaco) do carnaval brasileiro é um resíduo do rei “substitutivo” que era centro das saturnais e bacanais romanas para serem sacrificados na culminância da festa, misturando vinho e sangue.⁵ Mas foi na religião ordenadora do sacrifício que as sociedades encontravam sua estabilidade, purificação, renovação e, inclusive, favores. Os sacrifícios tinham um caráter propiciatório, uma oferenda com o máximo de esforço e de concentração de valor, o dom mais precioso em troca de uma vida fértil, protegida, aceita, pacificada.

Girard, no citado livro *A violência e o sagrado*, mostrou como assombrações de fantasmas, de mortos ou de demônios, tudo isso tem como conteúdo o mimetismo mal-resolvido. Mesmo desastres e ameaças ambientais ou sociais eram interpretados como ira divina, mas, no fundo, provinham do mimetismo e da violência contaminadora e caótica, gerada pelo desejo transformado em rivalidade. Ora, o sacrifício transforma tudo isso em divino – os desejos são a fonte dos ídolos e dos demônios, da ira e da bênção divina retratada na natureza. Na verdade, pode-se dizer que tudo começa na terra, no relacionamento social, como no mimetismo de Caim e Abel, e sobe perigosamente aos céus, vindo depois dos céus à terra na forma de ira a ser aplacada e benefício que se alcança com a propiciação e o favor divino.

A teoria “sacrificialista” de René Girard é bem abrangente: 1. Toda cultura humana tem a religião como sua alma e fundamento. A religião é centro sagrado e dá coerência ao conjunto das expressões e instituições culturais. 2. Toda religião porta em seu coração o segredo do sacrifício: a vítima expiatória e substitutiva. 3. O sacrifício sagrado é a resolução sacralizada da violência produzida pelo relacionamento mimético do desejo humano. Este emerge do próprio vazio em busca de algo do outro, na verdade o outro mesmo.⁶

⁵ *Saturno* é o equivalente a *Cronos*, o deus *Tempo*; por isso, sua festa, regada a vinho e finalmente a sangue, era celebrada no coração do inverno para provocar o renascimento da luz. Trata-se da festa do *Natalis invicti solis*, festa sincrética romana, pois nos cultos de Mitra, de tradição zoroástrica, o sol, fonte de luz, tem uma importância central. Os cristãos substituíram pelo Natal de Jesus, mas resíduos reemergem nas festas de foliões e de carnaval.

⁶ Cf. DEGUY, M.; DUPUY, J.P. *René Girard et le problème du mal*. Paris: Grasset, 1982. p. 104-105. Em duas páginas o autor faz uma síntese brilhante da teoria girardiana. Cf. Tb. DUMOUCHEL, P.; DUPUY, J.P. *L'enfer des choses. René Girard et la logique de l'économie*. Paris: Seuil, 1979.

Assim, temos uma desconstrução, um “desmonte” das religiões de sacrifícios, por mais sofisticados e fascinantes que sejam os seus rituais. Rituais tendem a suavizar suas origens, mascarando-as, criando substitutos mais longínquos do drama cruel e às vezes canibalesco que está nas origens, mas guardam a estrutura cruel e canibal sacralizada.⁷ Em outra metáfora: seria como juntar o lixo atômico produzido pelos conflitos humanos, numa nave espacial, e jogá-lo para a estratosfera do divino, do sagrado. O deus lá em cima saberia controlar a situação caótica da contaminação através da aceitação dessas ofertas sacrificiais, e saberia devolver em doses homeopáticas tal violência sacralizada para manter a ordem estabelecida divinamente na terra. A violência divina se torna, então, uma violência “ordenadora”. A ordem divina começa pelos tabus, proibições absolutamente sagradas e início de toda ordem. Esse intercâmbio é uma resolução sacrificial, e aqui está o coração das religiões de sacrifício.

2 Era axial, era abraâmica e profética

As religiões arcaicas se situam num tempo anterior à “era axial”. Algo de novo acontece entre os anos 900 e 200 antes de Cristo (700 anos que, nas eras da humanidade, são um período de tempo relativamente curto. Da Europa à China opera-se uma grande transformação religiosa e cultural que tem vigência até nossos dias. Por isso se chamaram de “era axial”, os anos que estabeleceram o eixo de nossa era. Na China, o taoísmo e o confucionismo reorganizam a religião e a vida do povo desde uma visão sapiencial e ético-política. Na Índia, o budismo reforma profundamente o hinduísmo, introduzindo o caminho óctuplo da espiritualidade, no qual o desapego e a renúncia ao desejo, e, conseqüentemente, a renúncia de qualquer sacrifício, são enorme salto de qualidade. Na Grécia, o nascimento e o exercício da racionalidade criam um espaço autônomo, com medidas, proporção e equilíbrio formal, teoria filosófica, lógica e jurídica, acuando os deuses para o Olimpo e criando a *polis* e a democracia, a ética política. Já os romanos saltam do direito de sangue para o direito da pessoa jurídica, uma invenção que permite operacionalizar a universalidade que os gregos alcançavam pela

⁷ Sobre a crueldade (em latim *cruor*) ligada originalmente à carne ensanguentada de um linchamento festivo, cf. ERMAN Michel, *La cruauté*. Essai sur la passion du mal. Coleção La condition humaine. Paris: PUF, 2009.

razão e os orientais pelas reformas religiosas. Este é o tempo em que se deixa para trás a vida e a religião tribal em torno de sacrifícios, para se abrir à universalidade através da ética da justiça objetiva, como também da ética da bondade, enfim, da compaixão.⁸

Israel participa desta grande transformação da “era axial”. Em Israel, os profetas relativizam e contestam os cultos e o templo para insistir na centralidade religiosa da justiça e da misericórdia: “misericórdia e não sacrifício!” (Os 6,6). Essa profunda mudança foi aprendida com enorme crise, no caso de Elias; e foi exigida com consequências conflituosas e dolorosas em Isaías e Jeremias; tornou-se apocalíptica e missionária em Ezequiel, em Daniel e nos profetas do exílio. Mas tornou-se um “fio dourado” em meio às regressões sacrificais de Israel.⁹ A figura de Abraão é recordada como fundamento deste salto de qualidade: Abraão é a memória de um sacrifício que não foi cumprido, uma ordem religiosa de oferecer o primogênito em holocausto ao “grande patriarca celeste”, para reforçar o poder do patriarca terrestre; mas essa ordem foi transgredida em vista de uma nova obediência e de um novo interdito: a de “não fazer mal ao menino”. Abraão deixa assim a religião de seus pais, de sua pátria e de sua cultura, e se torna um errante, fugitivo e nômade; abre-se para um caminho de futuro, cortando os laços com o passado. É pai de um povo que vive de promessa e pai de muitos povos como modelo de fé que supera o sacrifício. De Abraão a Jesus, pode-se ler a Escritura com o fio dourado da busca de superação do sacrifício, desmascarando ou ao menos diminuindo, tornando assimétrica a violência que está sacralizada na justiça da vingança, na guerra aos outros, nas punições de todo tipo.¹⁰

3 Jesus, a novidade cristã da aliança que supera o sacrifício

O próprio Girard, em *O bode expiatório*, comenta os Evangelhos para constatar como as atitudes de Jesus, as suas curas e libertações, seus

⁸ Sobre a Era Axial, pode-se ler, com muito proveito, ARMOSTRONG, Karen, *A Grande Transformação*. O mundo na época de Buda, Confúcio e Jeremias. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁹ Cf. para uma análise de conjunto da Escritura em parto de superação da violência sacralizada, BARBAGLIO, G. *Dio violento? Lettura delle Scritture ebraiche e cristiane*. Assis: Cittadella, 1991.

¹⁰ BALMARY, M. *Il sacrificio interdetto. Freud e la Bibbia*. Brescia: Queriniana, 1991. HINKELAMMERT Franz, *La fe de Abraham y el Edipo Occidental*. San José de Costa Rica: DEI, 1989.

ensinamentos, tudo leva para a liberdade abraâmica de não obedecer à Lei quando esta mesma Lei exige morte ou adoece e entristece, ainda que a Lei seja sagrada e constitua o coração da religião. O “Reino de Deus” é um critério de liberdade em relação a qualquer tipo de sacrifício. Mas Jesus acaba sendo sacrificado por causa disso, por relativizar e ameaçar o templo e a lei, a religião estabelecida sobre o retorno do sacrifício. Jesus repete: “Misericórdia e não sacrifício!” (Mt 12,7; 9,13; Lc 19,10).

Em João 8, 33ss, depois de Jesus salvar a pecadora da lei e do sacrifício e de se proclamar como palavra libertadora com autoridade, desencadeia-se com seus interlocutores uma discussão sobre quem é filho de Abraão. Jesus nega-lhes esse título: “Vós procurais matar-me, a mim que vos falei a verdade – isso Abraão não fez!” E em seguida desmascara-os como filhos de Caim, o homicida e pai da cidade e da cultura que escondem inimizade e violência nas muralhas e no manto das boas aparências – filhos do homicida e do pai da mentira desde as origens. Esta cena dramática desmonta a violência mascarada em justiça, em heroísmo e religião.

Finalmente, a Páscoa de Jesus, em todos os seus passos, é uma expulsão do “príncipe deste mundo”, o “acusador”, cujo poder é a violência mascarada e potencializada na religião, na ordem sagrada que sacrifica. Mas Jesus “amou até o fim” e atravessou a violência, rompendo seu círculo na liberdade do perdão, liberdade em relação ao círculo fechado do ódio e da vingança. O túmulo “vazio” testemunha que a morte de Jesus não é a do herói sacrificado cujo corpo, em grande mausoléu, se torna centro sagrado das instituições de poder e de ordem. A morte de Jesus termina num túmulo vazio. Não é a morte sagrada, o sacrifício arcaico, que salva. A ressurreição de Jesus não é resultado de um sacrifício, mas de um amor fiel e de um protesto com poder criador de Deus. De fato, a ressurreição, como coroamento do fio dourado da Escritura, é a definitiva vitória da misericórdia sem sacrifício, porque é uma vitória sem produzir vencidos; vitória sem vingança, sem novas vítimas; é força suave que chega por testemunhas femininas, trazendo outra lógica, a da religião do dom de vida sem precisar de morte; do reconhecimento e da ação de graças, sem precisar do preço da vida.¹¹

¹¹ Cf. GAUTHIER Jean-Marc, Violence, souffrance, mort et croix... rédemptrices? Questions de sens et de foi. In: *Théologiques*, v. 13, n. 2, 2005, p. 21-44. Toda a revista da Faculdade de Teologia e de Ciências das Religiões da Universidade de Montreal, Canadá, é dedicada a pensar a relação entre violência e sofrimentos redentores.

Doravante, a palavra “sacrifício”, o da “Nova e Eterna Aliança”, profetizada por Jeremias e começada por Jesus, está livre para se referir à celebração do dom de Jesus numa refeição que inclui a todos e a todas como irmãos e irmãs.

A universalidade cristã, onde não há mais grego ou judeu, homem ou mulher, livre ou escravo, mas onde todos se juntam à mesa de ação da graças – a Eucaristia – é uma universalidade concreta, de corpos e de relações sociais, e não teórica ou jurídica como a universalidade grega e romana. O Cristianismo se tornou a religião da misericórdia e da Eucaristia, e, por isso, da igualdade e da liberdade. Mas os cristãos foram perseguidos por isso.

4 A volta do sacrifício metamorfoseado

Diante da incompreensão da nova liberdade, a ficar com Paulo, cristãos se tornaram libertinos ou relaxados, enquanto outros reagiram apelando de novo para a lei. É o que Paulo revela em sua apaixonada carta aos gálatas. Mas foi a volta ao poder, o casamento da Igreja com o império romano, representado trezentos anos depois pela proteção de Constantino e, mais tarde, pela oficialização do Cristianismo como religião de Estado – a chamada “virada constantiniana” – um grande sintoma de retrocessos e de novas e perversas ambiguidades na história do Cristianismo: em nome de Cristo, se mandou à morte como justiça e sacrifício. Sabemos bem o que se fez em nome de Cristo com consciência tranquila nas acusações de bruxaria, heresia, etc. Ou então, na guerra justa, a cruz e a espada contra os outros, na Europa, no Oriente, nas Américas. O desejo mimético, a rivalidade e o medo do outro, a demonização do outro, atravessaram também o Cristianismo histórico. Foi necessária a modernidade para uma autocrítica do Cristianismo que se tornou sacrificial. Nietzsche representa esta crítica ao Cristianismo sacrificial, origem do ateísmo no seio do Cristianismo.¹² Pelos santos e pelos humildes é que passou o fio dourado do que é verdadeiramente cristão, segundo as fontes jesuânicas, no Cristianismo histórico.

No entanto, a modernidade sacralizou novas violências em nome do progresso, na relação entre metrópoles e colônias, no trabalho duro, escravo ou operário, na intolerância de outras formas de cultura, na

¹² Cf. o estudo filosófico de BUBBIO, Paolo Diego, *Il Sacrificio*. La ragione e Il suo altrove. Roma: Città Nuova, 2004.

exigência cada vez maior de dinheiro. E em revoluções sangrentas para se conseguir democracia. Na fachada está “liberdade, igualdade, fraternidade”, mas a eficácia está nas guilhotinas que se escondem nos porões do tempo. Ultimamente, novos ciclos de corrupção e de sacrifício dos mais frágeis para dar apoio aos grandes negócios e ajudar o sistema a ficar de pé mesmo com pés de barro, como aconteceu na última crise financeira mundial, de 2008. Para “salvar” o sistema, de lá para cá, nos países mais ricos, se sacrificam milhões de empregos e se brutalizam assim faixas inteiras de populações, “sacrifícios necessários”. Portanto, mesmo de forma secularizada, na economia e na política, nas estruturas jurídicas e militares, justificam-se sacrifícios, que ganham novas metamorfoses.¹³ A sacralidade está agora no mercado, no ajuste das contas, nos humores das bolsas de valores, quais deuses irados. Ou está no bem-estar que os outros, migrantes e despossuídos, não devem ameaçar, e que, por isso, deve-se ter coragem e tranquilidade em repelir e sacrificar. Há múltiplas possibilidades novas de violência sob a máscara de novas formas de sacrifício.¹⁴ Até a inocência das crianças voltou como na religião arcaica, a ser sistematicamente sacrificada. Nem mesmo no coração da Igreja se escapou deste tropeço e deste escândalo: o abuso sexual de crianças e adolescentes como perversão, manipulando um poder sagrado e cuja reparação às vítimas permanecia “sacrificada” à boa fama da sacralidade da Igreja. “A corrupção do melhor engendra o pior”; a santidade corrompida faz emergir a monstruosidade, o monstro que o Cristianismo primitivo chamou de “anticristo”.¹⁵ Bento XVI assumiu esta situação trágica com a dor de quem reconhece que o maior inimigo vem de dentro. Esta monstruosidade obriga a buscar a autenticidade da Igreja em figuras de santos e

¹³ Cf. o conjunto de artigos reunidos em livro, de HINKELAMMERT, Franz, *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental; Lúcifer e a Besta*. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁴ Cf. AGLIETTA, M.; ORLÉAN, A. *A violência da moeda*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹⁵ “A corrupção do melhor engendra o pior” – em latim, *corruptio optima pessima* – é o título da última obra de Ivan Illich, assessor do Cardeal Suenens, que presidiu a equipe de moderadores do Concílio Vaticano II, e depois tornou-se educador missionário em Porto Rico, México, com passagens pelo Brasil. Segundo Ivan Illich, somente o Cristianismo poderia engendrar o que é pior do que um demônio, o *anticristo*. Mas não é do anticristo a última palavra. Cf. ILLICH, Ivan; CARLEY, David, *La corruption du meilleur engendre le pire*. Arles: Actes Sud, 2007.

profetas, a começar pelo próprio Jesus e seu sonho de uma nova forma de religião.¹⁶

5 O sonho de uma religião da fraternidade

Lucas nos deixou a memória do maior desejo de Jesus, desejo “ardente” (nossa forma de traduzir o superlativo), que é o desejo de Deus, um desejo de absoluta inclusão, sem mimetismo, sem ciúme ou inveja que produzem o mimetismo sacrificador: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer, pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus” (*Lc 22, 15-16*). Nele Deus se alegra com algo tão humilde como repartir festivamente o pão com todos, começo e garantia do Reino em meio a sofrimentos.

Lucas é também a memória das grandes inversões abraâmicas de Jesus: a verdade de Deus aparece na segunda ordem, aparentemente menos religiosa. Assim, entre o fariseu e o publicano, entre a mulher com fama de pecadora e o fariseu com fama de justo, entre o rico abençoado e o pobre Lázaro e suas feridas, entre o filho que ficou em casa e o filho que saiu de casa, entre os sábios e os ignorantes, os poderosos e os humildes, em todas essas inversões, é na segunda parte que começa uma religião de reconciliação sem barreiras e aberta universalmente a todos. Portanto, onde cessa a violência da religião e da ordem sacralizada e onde começa a religião graciosa e imerecida da fraternidade universal, simbolizada na mesa pascal da Eucaristia. É possível que haja abusos da eucaristia. Mas seria resposta adequada uma volta à lei que exclui da Eucaristia? Isso seria uma regressão trágica da nova religião que celebra a fraternidade na comunhão antecipada do Reino de Deus, mesmo em meio a sofrimentos, degradando-a a uma religião que provoca sofrimentos sob o pretexto de uma ordem final, ideal, com sacrifícios exatamente daqueles que Jesus afirmava categoricamente que precedem os justos no Reino de Deus, e impondo tais sacrifícios com a frieza de uma consciência convicta, como se tais sacrifícios correspondessem ao Reino de Deus.

Em âmbito eclesial, justamente a Eucaristia que está no coração da celebração cristã, convida a repensar a inclusão dos que buscam superar

¹⁶ A relação entre uma cristandade cuja eficácia está mais na ordem romana e a memória bíblica manipulada como sacralização dessa ordem pode ser aprofundada em LEGENDRE, Pierre, *L'autre Bible de l'Occident. Le Monument romano-canonique. Étude sur l'architecture dogmatique des sociétés*. Paris: Fayard, 2009.

as feridas com novas relações de família, dos que buscam relações leais mesmo em condições homossexuais, dos que têm sua dignidade negada por sua cultura ou condição social, evidentemente, em primeiro lugar, os pobres, lugar social frágil, onde tudo o que é caótico acontece mais facilmente. A religião eucarística de Jesus é libertadora e inclusiva; é a religião da confraternização sem exclusão que supera a religião do sacrifício, que celebra eucaristicamente a confraternização com os últimos, impuros, pecadores, etc., lugar em que se dá a comunhão com o Pai de Jesus e o seu Espírito – em Jesus. O resto é volta ao sagrado arcaico, à pureza que separa o puro e o impuro, ao sacrifício e à violência original, à violência de Caim ou ao pecado original de toda religião, como de toda cultura e de toda construção ou cidade humana: sua função de sacralizar e mascarar a violência humana.